



## A ALMA DE UMA SOGRA



Em dias do mez passado  
Vi n'uma reunião,  
Um trocador de cavallos,  
Um velho tabellião,  
Um criado de um vigario  
E a avó de um sachristão.

Veio uma dessas ciganas  
Que lê a mão da pessoa,  
Leu a mão de um velho e disse:  
Vossa mercê anda atôa,  
De cinco sogras que teve  
Não obteve uma bôa,

E' muito exacto cigana,  
Disse o velho a suspirar,  
A melhor de todas cinco,  
Essa obrigou-me a chorar,  
Depois de morta tres mezes,  
Quase me faz expirar.

Disse o velho, minha vida,  
Dá muito bem uma scena,  
Dá um romance e um drama,  
É a obra não pequena,  
O velho tabellião  
Quase qu chora com pena.

O velho ali descreveu  
Todas scenas que deram  
Alguns daquelles ali,  
Foram escutar não poderam  
Foi um serviço de gancho  
O que essas sogras fizeram.

Então a primeira sogra,  
Foi uma tal Marianna,  
Tinha os dentes arqueados  
Como a cobra caninana,  
Elle casou-se na quarta  
Brigou no fim da semana.

A segunda era uma typa  
Alta, magra e corcovada,  
Damnada para passeios,  
Enredadeira Exaltada  
Cavilosa e feiticeira,  
Intrigante e depravada.

Por felicidade delle  
Chegou-lhe a fortuna um dia,

Deu a munganga na velha  
Chegou-lhe a hydrophobia,  
Foi morta a tiro no campo  
Graças ao povo que havia.

A terceira se chamava  
Genovéva bota-abaixo,  
Espumava pela boca  
Que a baba cahia em caixo,  
Um dia partiu a elle  
Fez-lhe da cabeça um facho.

A quarta era fogo-vivo  
Se chamava Anna-Martello  
Filha de uma tal medonha,  
Bala de bronze, cutello,  
Parecia um jacaré  
Desses do papo amarello.

Era da côr de gibóia,  
O rosto muito cascudo  
E tinha no céu da bocca  
Um dente gracde e agudo  
Essa engoliu pelas ventas  
Um genro com roupa e tudo.

Meu amigo disse o velho,  
Eu me casei innocente  
Porque antes de me casar  
A velha era tão prudente

Eu disse com os meus botões,  
Tenho uma sogra excelente.

Depois que casei, um dia  
Eu ainda estava deitado,  
Vi a velha dar um pulo  
E abecar o creado,  
Arrancar-lhe o coração  
E disse este, eu como assado.

Veia á porta do meu quarto,  
Disse: pedaço de um burro,  
Inda não se levantou?  
Quer se levantar a murro?  
Voscê, ou cria coragem,  
Ou cria cheiro de esturro!...

A derradeira de todas  
Não era muito ruim,  
Me levantava algum falso,  
Fallava muito de mim,  
Eu teria me banhado  
Se as outras fossem assim.

Sempre tinha alguns defeitos,  
Mas tambem não era tanto,  
Uma vez quiz obrigr-me  
Passar tres dias n'um canto,  
Com um defuncto nas costas,  
Fazendo oração a um santo.

Mas se ella não fosse assim  
A velha fazia gosto,  
Me fazia algum favor  
E depois lançava em rosto  
Se brigavamos Ianeiro,  
Ficavamos bem em Agosto.

Ella depois de morrer,  
Fez um papel temerario  
Ajuntou-se co' a alma  
Da avó de um boticario  
E me passaram por sonho  
Um dos contos de vigario.

Essa avó do boticario,  
Em vida votou-me tedio  
Por ter o neto botica  
E eu não comprar remedio;  
Morreu ella e minha sogra  
Quase desgraçam meu predio.

Disse-me a velha em sonho,  
Cave lá no pé do muro,  
Lá achará uma jarra  
Com moedas de ouro puro,  
E' teu e de minha filha,  
Serão ricos no futuro.

Acordei disse á mulher  
Tudo que tinha sonhado

Disse ella, vá atraz  
Desse thesouro enterrado,  
Escavaque o pé do muro,  
Só se lá tiver peccado.

Então tornei a dormir  
Ellas voltaram de novo  
Me disseram a jarra lá  
Está cheia que só um ovo  
Mulher só diz é asneira  
Vá excutar este povo!

Vá cavar no pé do muro,  
Aonde teve um coqueiro,  
Debaixo da raiz delle  
Acha uma lage primeiro  
E debaixo dessa lage  
Tem a jarra de dinheiro.

De manhã me levantei  
E fui logo para lá  
Cavei, encontrei a lage  
Disse contente oh! vem cá  
Sabe o que achei? um cortiço  
De bezouro mangangá.

Ali os bezouros todos  
Frecharam em cima de mim,  
Eu nem sei como corri,  
Julgnei ali ser meu fim,

Ouvi a velha gritar,  
Bezouros bons, assim sim!

Passei um anno e dous mezes  
Com febre sobre o chão duro,  
Tinha febre todo dia  
Trancado num quarto escuro  
E a alma da damnada  
Me esperando no monturo.

A mulher estava dormindo  
Por sonho viu ella vir  
E lhe disse minha filha  
Tu não podes resistir  
Eu trago aqui um escravo  
Que vem para te servir.

A mulher lhe perguntou  
E lá pelo mndo eterno  
Existe tambem escravo?!  
Filha lá tudo é moderno  
Minha mãe onde achou este?  
Disse a velha, no inferno.

Minha mulher disse ali,  
Jesus, Maria e José,  
A velha espantou-se, e disse:  
Atrevida! como é?  
Que chama por tres pessoas  
De quem eu perdi a fé.

Disse a velha se mordendo,  
Eu parto senão me acabo,  
Diabos carreguem meu genro,  
Que nem sogra dá-lhe cabo,  
Sahiram então se mordendo  
A velha com o diabo.

Essa tal de bota-abaixo  
No dia que ella morreu  
Eu lhe mostrei uma imagem  
Pois a velha inda se ergueu  
Arrebatou-me a imagem  
Deu um bote e me mordeu.

Depois de morta tres annos  
Onde sepultaram ella  
Nasceu em cima da cova  
Tres toceiras de mazella  
Um livro de nova seita  
Achou-se no caixão della.

A cobra era nova seita  
Eu conheci o mysterio  
E eu pude conhecer  
Que o acto não era serio,  
Tanto que eu disse logo,  
Desgraçou-se o cemitrio.



## AS PROESAS DE UM NAMORADO MOPINO

Sempre adoptei a doutrina  
Ditada pelo rifão,  
De ver-se a cara do homem  
Mas não ver-se o coração,  
Entre a palavra e a obra  
Ha enorme distincção.

Zé-pitada era um rapaz  
Que em tempos idos havia  
Amava muito uma moça  
O pai della não queria...  
O desastre é um diabo  
Que persegue a sympathia.

Vivia o rapaz soffrendo  
Grande contrariedade  
Chorava ao romper da aurora  
Gemia ao virar da tarde  
A moça era como um passaro  
Privado da liberdade.

Porque João-molle, o pai della  
Era um velho perigoso,  
Embora que Zé-pitada  
Dizia ser revoltoso,  
Adiante o leitor verá  
Qual era o mais valoroso.

Marocas vivia triste  
Pitada vivia em ancia,  
Elle como rapaz moço  
No vigor de sua infancia,  
Fallar depende de folego  
Porém obrar, é sustancia.

Disse pitada a Marocas,  
Eu preciso lhe fallar  
Já tenho toda certeza,  
Que é necessario a raptar,  
A' noute espere por mim  
Que havemos de contractar.

Disse Marocas a Zezinho:  
Papai não é de brincadeira,  
Diz Zé-pitada, ora esta!  
Eu sou da mesma maneira,  
Voscê póde vêr-me as tripas,  
Porém não verá carreira.

Diga a que hora hei de ir,  
Eu dou conta do recado

Inda seu pai sendo fogo,  
Por mim será apagado,  
Eu juro contra minh'alma  
Que seu pai corre assombrado.

Disse Marocas, meu pai  
Tem tanta disposição,  
Que uma vez tomou um preso  
Do poder de um batalhão,  
Ballas choviam nos ares,  
O sangue ensopava o chão.

Disse elle, eu uma vez  
Fui de encontro a mil guerreiros,  
Entre pela retaguarda,  
Matei logo os artilheiros,  
Em menos de dez minutos  
O sangue encheu os barreiros.

Disse Morocas, pois bem  
Eu espero e póde ir,  
Porém encare a desgraça,  
Se acaso meu pai nos vir,  
Meu pai é de ferro e fogo,  
E' duro de resistir.

Marocas não confiando  
Querendo experimentar,  
Olhou para Zé-pitada  
Fingindo querer chorar,

Disse, meu pai accordou,  
E nos ouviu conversar.

Valha-me Nossa Senhora!  
Respondeu elle gemendo,  
Que diabo eu faço agora?!...  
E cahiu no chão tremendo,  
Oh! minha Noasa Senhora!  
A vós eu me recommendo.

Nisso um gato derrubou  
Uma lata na despença,  
Elle pensou que era o velho,  
Gritou, oh! que dor immensa!...  
Parece qu' stou ouvindo  
Jesus lavrar-me a sentença.

A febre já me atacou,  
Sinto frio horrivelmente,  
Com muita dor de cabeça,  
Uma enorme dor de dente,  
Está me dando a erysipela,  
Já sinto o corpo dormente.

Antes eu hoje estivesse  
Encerrado na cadeia,  
De que morrer na desgraça,  
E d'uma morte tão feia,  
Veja se póde arrastar-me,  
Que minha calça está cheia.

Por alma de sua mãe,  
E pela sagrada paixão,  
Me arraste por uma perna  
E me hote no portão,  
A moça quiz arrastal-o,  
Não teve onde por a mão.

Ella tirou-lhe a botina,  
Para ver se o arrastava,  
Mas era uma fedendina,  
Que a moça não supportava,  
Aquella materia fina,  
Já todo o chão alagava.

Disse a moça: quer um beijo?  
Para ver se tem melhora?  
Elle com cara de choro,  
Respondeu-lhe, não, senhora,  
Beijo não me salva a vida,  
Eu só desejo ir-me embora.

Então lhe disse Marocas,  
Desgraçado!... eu bem sabia,  
Que um ente de teu calibre,  
Não pode ter serventia,  
Creio que fostes nascido  
Em fundo de padaria.

Meu pai ainda não veio  
Eu estou hoje sosinha,

Zé-pitada ahi se ergueu,  
E disse, oh minha santinha!  
A moça metteu-lhe o pé,  
Dizendo: vai-te, murriuha!

E deu-lhe ali uma lata,  
Dizendo: está ahi o pôço,  
Voscê ou lava o quintal  
Ou come um cachorro ensolso,  
Se não eu metto-lhe os pés  
Não lhe deixo inteiro um osso.

Disse elle, oh! meu amor!  
O corpo todo me treme,  
Minha cabecinha está,  
Que só um barco sem leme,  
Parece faltar-me o pulso,  
O Anjo da Guarda geme.

Então a moça lhe disse:  
O senhor lava o quintal  
Olhe uma tabica aqui!...  
Lava por bem ou por mal,  
Covardia para mim,  
E' crime descommunal.

E lá foi nosso rapaz  
Se arrastando com a lata,  
A moça ali ao pé delle,  
Lhe ameaçando a chibata,

Elle exclava chorando  
Por amor de Deus não bata.

Vai miseravel de porta  
Quero já limpo isso tudo,  
Um homem de sua marca  
Pequeno, feio e pançudo,  
Só tendo sido criado  
Onde se vende miudo.

Disse o Zé quando sahiu:  
Eu juro por Deus agora,  
Ainda uma moça sendo  
Filha de Nossa Senhora,  
E olhar para mim, eu digo:  
Desgraçada, vá embora.

6063

## AVISO

Com o fim de evitar os abusos constantes, resolvi d'ora em diante estampar em todas as minhas obras o meu retrato em um cliché, sem lugar determinado.

Leandro Gomes.

—○—

(166)